

## O RITUAL DA PROSTITUIÇÃO SAGRADA E A ECONOMIA EM CORINTO ARCAICA

Alexandre Carneiro Cerqueira Lima\*

### Résumé

*Dans cet article nous voudrions comprendre la relation entre le rite des hiérodoules et l'économie à Corinthe au période archaïque.*

Em minha Tese de Doutorado estudei a *cultura oficial* e a *cultura popular* em Corinto durante a tirania dos Cypsélidas.<sup>1</sup> Os conceitos que nortearam a pesquisa foram retirados da obra do pensador russo Mikhail Bakhtin *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. Eu parti da premissa de que a *pólis* dos coríntios possuía uma esfera oficial, onde poderia enxergar claramente regras sociais e práticas comportamentais aceitas e valorizadas por grande parte dos grupos sociais que compunham aquela sociedade. Em contrapartida, encontraria também a esfera popular que poderia em momentos festivos subverter a ordem social, ou seja, se contrapor às normas sociais. Para analisar a dinâmica entre estas duas esferas, escolhi estudar o ritual da hospitalidade como uma prática oficial e a procissão catártica dionisíaca como uma manifestação popular.

O diálogo com a Arqueologia foi fundamental na pesquisa, devido à escassez de relatos textuais sobre a procissão (*kômos*), bem como sobre informações da *pólis* dos coríntios. Desta forma, houve a necessidade de formar um *corpus* imagético tanto para as cenas de *xenia* – hospitalidade – quanto para as imagens de *kômos* na cerâmica coríntia do período de 625-550 a.C.<sup>2</sup> Além das imagens contidas nos vasos coríntios, estudei a difusão de certos cultos durante a tirania dos Cypsélidas (620-550 a.C.); para realizar tal tarefa consultei os relatórios de escavação dos santuários de Pérachora, de Deméter e Kora e da Acrocorinto.

---

\* Professor Doutor em História Social, Editor-chefe da Revista Eletrônica *Hélade*.  
[www.heladeweb.net](http://www.heladeweb.net)

A Tirania dos Cypselidas deu ênfase, principalmente, aos cultos de Aphrodite na *ásty* (espaço urbano) e de Dionisos (na *ásty* e na *chôra* – espaço rural). Neste trabalho procurarei concentrar meu enfoque justamente em um ritual peculiar dedicado a Aphrodite: o ritual da prostituição sagrada<sup>3</sup>. Tal ritual ocorria no santuário da deusa na acrópole de Corinto. Os estrangeiros, principalmente comerciantes, que passavam pelo Istmo de Corinto poderiam procurar os serviços das ‘escravas sagradas’ dedicadas ao culto da divindade da sedução e também do comércio<sup>4</sup>.

Estrabão em sua *Geografia* (VIII, 378-379,[20]) nos conta que as prostitutas sagradas (ἱεροδοῦλος) em Corinto honravam a deusa Aphrodite (Ἄφροδιτης ἱερὸν), em um santuário na Acrocorinto – onde havia a estátua da deusa armada (PAUSANIAS. *Descrição da Grécia*, II, 5, 1). Este santuário, de acordo com Estrabão, era bastante freqüentado pelos comerciantes que passavam pelo Istmo.

Em um *Elogio* de Píndaro, o poeta canta uma *escólia* a serviço de Xenofonte de Corinto. Este procurou a ajuda de Aphrodite para vencer os jogos em Olímpia, atendido o seu pedido, o rico Xenofonte ofereceu à deusa um grupo de prostitutas. O ritual de sacrifício foi acompanhado com a canção em presença das prostitutas/sacerdotisas.

O mais interessante neste elogio é a referência de Píndaro às prostitutas: Πολύξεναι νεάνιδες – “Jovens muito hospitaleiras” (PÍNDARO. *Elogios*, 3; LAMBIN, 1986, 142). Estas cortesãs se entregavam ao culto de Aphrodite e, provavelmente, deveriam ser requisitadas, não somente em seu santuário, mas também em salas de banquetes onde ocorria o ritual de hospitalidade aos estrangeiros que passavam pela *pólis* de Corinto. O termo *xenía* relacionado à atividade de *hiérodoules* me estimulou a pensar que estas prostitutas estariam inseridas no ritual de hospitalidade.

Em outra passagem Estrabão relata que no Monte Eryx, na Sicília, havia um santuário, também dedicado a Aphrodite, onde as prostitutas sagradas exerciam suas atividades e recebiam os sicilianos e estrangeiros (ESTRABAO. *Geografia*, VI, 272; SALLES, 1995, 30).

Segundo o antropólogo Arnold Van Gennep os ritos sexuais encontram-se na categoria de ritos de agregação. Durante os ritos de hospitalidade, os estrangeiros poderiam ser *presenteados* com prostitutas sagradas. Selado um acordo entre as duas partes, o anfitrião poderia oferecer uma cortesã a seu hóspede (VAN GENNEP, 1978, 46-47). A hospitalidade asse-

guraria, então, a aceitação/proteção do estrangeiro naquela sociedade, as trocas comerciais entre eles e os coríntios além da garantia de seu retorno (DORSINFANG-SMETS, 68).

Em várias cenas de banquete nas crateras coríntias, identifiquei prostitutas reclinadas ao lado de homens. Nos frisos, abaixo das cenas de banquete destas crateras, encontram-se também panteras representadas<sup>5</sup>. A pantera não é um animal que se caça facilmente; ela é a caçadora. Este felino é um caçador sagaz, pois utiliza seu bom odor (perfume) para capturar suas vítimas (DETIENNE, 1998, 93-94; ARISTÓTELES. *História dos Animais*. VIII, 28, (606 b); IX, 1, (608 a); IX, 5-6, (611 b-612 a). Em sua técnica de caça, a pantera combina o embuste e a sedução. Esta sedução a partir do olfato coloca esta besta em estreita relação com a mulher perfumada. Por esta razão, Aristófanes dá o sentido de prostituta/prostituída ao termo *párdalis* – πάρδαλις – (pantera) (ARISTÓFANES. *Lisístrata*, vv. 1010-1015). A pele de pantera está presente na linguagem iconográfica de Dionisos, como um atributo da divindade sedutora. Entretanto, a pantera assume muitos dos atributos da deusa Aphrodite. “*Como a pantera, a bela cortesã pratica um tipo de caça que os Gregos chamavam de ‘caça de Aphrodite’*” (HOMERO. *Hino Homérico a Aphrodite*, I, 70-75; DETIENNE, 1998, 97).

Aphrodite é a única deusa grega adúltera, daí estar sempre relacionada ao amor e às prostitutas<sup>6</sup>. O episódio de seu nascimento, com a mistura das espumas do mar com os órgãos genitais de Uranos, sugere um fluido amniótico, colocando, desta forma, a divindade como símbolo de fertilidade (HESÍODO. *Teogonia*, v. 195; POMEROY, 1999, 19). Aphrodite representa a sedução, o desejo e os prazeres sexuais (SISSA, 1990, 52-53).

A representação de um *prósopon* (máscara, com olhar frontal – chamada direta do expectador da cena) de pantera em um friso de uma cratera com temática de banquete evocaria, então, a presença de Aphrodite e de todos os seus atributos: amor, sedução, caça amorosa e sexo com prostitutas sagradas e bem-educadas<sup>7</sup>.

Devo acrescentar que Estrabão nos oferece uma cifra de mais de mil mulheres que se entregavam ao culto de Aphrodite, como *hierodóules*, na Acrocorinto (ESTRABAO. *Geografia*, VIII, 378-379 [20]). Sabemos que não podemos confiar neste dado, mas evidentemente este número deveria ter um valor qualitativo. Outro viajante, Pausânias, informa que o culto do deus Hélios foi eclipsado pelo de Aphrodite na Acrocorinto (PAUSANIAS.

*Descrição da Grécia*, II, 4, 6; THEOPHILOPOULOU, 1983, 87). Esta informação ressalta o prestígio deste culto e o da prática da prostituição sagrada na *pólis* dos coríntios e o crescimento das atividades comerciais. Provavelmente, estas prostitutas sagradas ofereciam também seus serviços em outros locais (além do espaço sagrado de Aphrodite), em salas de banquete de outros santuários, em rituais de hospitalidade para estrangeiros. Pois, como lembra Violaine Vanoyeke, em cidades comerciais a atividade de prostituição era bastante difundida (VANOYEKE, 1997, 36). A tradição literária cultivou a imagem da *ásty* de Corinto relacionada aos prazeres e às prostitutas (*hetairai* e *pornai*). Aristófanes, em sua comédia *Plutos*, menciona as famosas prostitutas de Corinto que se entregavam aos homens que tivessem muitos *drácmas* para oferecer-lhes<sup>8</sup>.

Maria Théophilopoulou, seguindo as palavras de Pausânias, acredita que o culto de Aphrodite na Acrocorinto foi instalado tardiamente, durante o período da tirania (PAUSANIAS. *Descrição da Grécia*, II, 4, 6). A autora nos informa que o santuário da deusa remonta ao VII século a. C., mesma época em que a Acrocorinto foi fortificada. Contudo, poucos vestígios restaram do templo e não possibilitam a reconstituição de como ele era organizado (ESTRABÃO. *Geografia*, VIII, 379, (21); THEOPHILOPOULOU, 1983, 86).

O culto de Aphrodite em Corinto me levou a questionar a ‘vocação’ econômica desta *pólis* no período Arcaico. Corinto era uma *pólis* agrária ou comercial? Este debate perpassa a historiografia desde as primeiras décadas do século passado. Poderia começar esta discussão com a tese de Édouard Will, intitulada *Korinthiaka*, de 1955, que identificava Corinto como uma *pólis* voltada para a agricultura e controlada por uma aristocracia fundiária. Will parte de uma abordagem geo-histórica mostrando que o Istmo de Corinto desfrutava de uma privilegiada posição na região. Contudo, descarta a hipótese de um peso efetivo de práticas comerciais na economia da *pólis* (WILL, 1955, 19-20).

Para M. Rostovtzeff, durante os séculos VII e VI a. C. ocorreu uma “revolução econômica”: nas cidades de Corinto e de Atenas, as atividades comerciais e ‘industriais’ cresceram. “Cada *pólis* tentava produzir para o mercado algum tipo de mercadorias características e desconhecidas das outras; aperfeiçoaram seus métodos de produção e a qualidade das suas mercadorias.” (ROSTOVTZEFF, 1973, 80-82)

Ciro Flamarion S. Cardoso aponta que nos anos 60 do século XX houve uma reação à abordagem marxista dogmática de M. Rostovtzeff (CAR-

DOSO, 1988, 11). Autores como M.I. Finley, M. Austin, J.-P. Vernant e P. Vidal-Naquet se basearam nas interpretações da sociologia de Max Weber (1999, 411) e da Antropologia Econômica de K. Polányi (1976) e seus discípulos sobre a cidade antiga. Austin e Vidal-Naquet mostraram a “*impossibilidade de estudar a economia grega isoladamente e com abstração dos quadros social e institucional da história grega.*” (1986, 21) Tanto estes autores quanto Finley salientam sobre a especificidade da economia helena, até mesmo o termo *oikonomia* possui um significado distinto do nosso. *Oikonomia* quer dizer a gestão do *oikos* (domínio familiar) (FINLEY, 1986, 19-20). Finley pode ser considerado como um autor ‘primitivista’, pois adota o modelo de ‘cidade-consumidora’ de Weber: de acordo com este modelo teórico, a *pólis* era “*um centro de consumo que vivia numa relação até certo ponto parasitária para com o campo circundante e comunidades estrangeiras exploradas.*” (CARDOSO, 1988, 12) Finley afirmava que desde o período arcaico heleno até o imperial romano a atividade agrícola era a base da economia.

Perry Anderson, em sua obra *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*, seguindo uma abordagem marxista, acredita que as sociedades gregas passaram pelo estágio do modo de produção escravo. Entretanto, ele não aceita uma interpretação modernista da economia das *póleis*. O autor defende o fraco peso de uma economia urbana. “*O mundo clássico era inalterável e maciçamente rural em suas proporções quantitativas básicas.*” (ANDERSON, 2000, 19) Outro autor marxista que também refuta a idéia de uma *pólis* estar voltada essencialmente para o comércio ou o artesanato é G.E.M. de Ste. Croix. A maior riqueza do mundo antigo vinha da terra e acreditar que “*as classes governantes*” de *póleis* como Egina ou Corinto eram de mercadores é uma invenção dos pesquisadores modernos (DE Ste. CROIX, 1981, 120).

Nos últimos anos, a historiografia tem colocado em questão as visões ‘modernista’ e ‘primitivista’ sobre a economia grega antiga (DESCAT, 1995). E justamente o ritual da hospitalidade e o da prostituição sagrada podem nos ajudar a tentar compreender o sistema econômico de Corinto cypsélida. Os estudos de Alfonso Mele, por exemplo, mostram que a hospitalidade é um dos pilares do comércio (comércio-*préxis*) no período arcaico. O coríntio Demáratos (*áristos* baquíade) possuía laços de hospitalidade com os nobres locais etruscos e uma vez em viagem à Tarquínia casou-se com uma mulher

ilustre. O comércio arcaico, segundo Mele, está apoiado na prática da *xenia*. O comércio-*préxis* é uma atividade de *biotos*, troca de cereais e de vinho, além de escravos e de metais, orientados para locais de comércio determinados, garantidos pelas relações de *xenia* e o respeito à sacralidade que o estrangeiro possui (MELE, 1979, 74).

Jean-Paul Morel procurou investigar, a partir da disseminação da cerâmica grega no Mediterrâneo, os contatos culturais entre helenos e etruscos. A observação de um tipo particular de cerâmica (os ‘vasos-recipientes’ – ânforas e vasos de perfume, por exemplo) permite em certos casos supor uma transferência de produções e de técnicas agrícolas típicas da Hélade: assim a Etrúria se propõe a produzir e depois a exportar óleo perfumado (por meio dos *aryballoi* e dos *alabastra* etrusco-coríntios). O autor salienta ainda a disseminação de técnicas dos artesãos helenos, como foi o caso do estilo etrusco-coríntio. Esta transferência efetuou-se em várias etapas sucessivas: da própria Grécia para o mundo colonial heleno no ocidente e depois para a Etrúria propriamente dita (MOREL, 1983, 571-572).

Após esta breve discussão historiográfica sobre economia antiga, eu prefiro seguir as palavras de César Fornis: a economia coríntia era diversificada. O comércio, o artesanato, a construção e as manifestações artísticas ocupavam um lugar destacado, o que dava uma grande força política e social àqueles que se dedicavam a estas atividades (FORNIS, 1999, 7). Durante a Tirania Cypsélida ocorreu a construção do *díolkos*<sup>9</sup>, incrementando o comércio na região do Istmo de Corinto. Os tiranos e seus aliados perceberam que poderiam se utilizar da privilegiada posição geográfica de Corinto, pelo menos cobrando pedágio das embarcações que passavam pela região. Junto com as naus passavam pela cidade coríntia homens, produtos, suas idéias e suas crenças. Os coríntios estavam sempre em contato com estrangeiros e estes precisavam de um rito que permitisse seu livre trânsito na cidade. Aí entra o papel do rito dedicado à Aphrodite: o ritual da prostituição sagrada está inserido na hospitalidade que é uma forma de intermediação, de rito de passagem, ou seja, uma forma de aceitação do estrangeiro/comerciante na *pólis*.

Eu entendo o ritual da hospitalidade como uma das ‘bases’ desta sociedade, quer dizer, ele perpassa vários grupos sociais ao longo de vários séculos. O ritual da hospitalidade é uma das práticas ‘estruturais’ dos helenos: do VIII ao IV séculos a. C., de Homero a Aristóteles encontramos a valoriza-

ção de tal prática nos textos. Todavia, quero deixar bem claro que mesmo sendo um fenômeno de longa duração<sup>10</sup>, a hospitalidade e a prostituição sagrada podem se transformar ao longo destes quatro séculos e ter distintas configurações em diferentes sociedades *políades*. No caso de Corinto, por exemplo, a difusão do culto de Aphrodite e das *hiérodoules*, apoiado pelos tiranos, mostra uma transformação religiosa e também comportamental. Corinto vai ficar na memória dos helenos como uma *pólis* voltada ao comércio e aos prazeres proporcionados pelas escravas a serviço de Aphrodite. Acredito que um maior aprofundamento nas pesquisas sobre ritos e cultos pode ajudar a esclarecer as questões e as lacunas que temos sobre as práticas econômicas dos gregos antigos.

### Notas

---

<sup>1</sup> Tese intitulada *Cultura Popular em Corinto: Kômoi nos VII e VI Séculos a. C.*, defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação da Profa. Titular Dra. Neyde Theml e apoio financeiro da Capes.

<sup>2</sup> A representação de hospitalidade e de *kômos* abarcou os seguintes estilos de pintura: *Vasos Coríntios Antigos* (*Early Corinthian Vases*, c. 625-600 a. C.); o *Estilo Médio* de pintura coríntia (*Middle Corinthian*, c. 600-575); e o *Tardio Coríntio I* (*Late Corinthian I*, c. 575-550 a. C.). Sobre a cerâmica coríntia e as temáticas desenvolvidas por seus artesãos, ver: Payne, H. *Necrocorinthia: a Study of Corinthian Art in the Archaic Period*. Oxford: Clarendon Press, 1931; Amyx, D. A. and Lawrence, P. *Studies in Archaic Corinthian Vase Painting. Hesperia Supl. 28*. Princeton-New Jersey: American School of Classical Studies at Athens, 1996.

<sup>3</sup> *Hiérodoulos* pode ser traduzido como 'escravo dedicado às atividades em um templo' e *hiérodoules* como 'escravas dedicadas às atividades em um templo', 'prostitutas sagradas', de acordo com Bailly, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1950, p. 960.

<sup>4</sup> Mario Torelli explica que os comerciantes que trocavam os produtos coríntios na Etrúria, por exemplo, no *empóron* de Gravisca (Tarquínia) são os gregos da Jônia, eles são uma espécie de 'intermediários' dos produtos dos coríntios para o Ocidente. Estes comerciantes veneravam três divindades femininas: Aphrodite, Héra e Deméter. Aphrodite estava relacionada com as prostitutas, tanto em Corinto como também no *empóron* de Caere, Pyrgi. Devo lembrar que Caere é a cidade-Estado etrusca que mais concentrou crateras coríntias decoradas, acumulando cerca de 40% das crate-

ras exportadas conhecidas (trinta e cinco crateras foram encontradas). Torelli, M. *Storia degli Etruschi*. Roma-Bari: Laterza, 1999 (1981), p.149; La Genière, J. Les Acheteurs des Cratères Corinthiens. *BCH*. CXII, 1988, p.85.

<sup>5</sup> Cratera coríntia encontrada em Caere (Etrúria) – Musée du Louvre, E 629. Pottier, E. *Vases Antiques du Louvre* Paris: Hachette, 1897, prancha 46, p. 54; Payne, H. *Necrocorinthia: a Study of Corinthian Art in the Archaic Period*. Oxford: Clarendon Press, 1931, no. 1186, p. 318.

<sup>6</sup> Safo, VII, 104; IX, 108; Pomeroy, S.B. *Diosas, Rameras, Esposas y Esclavas: Mujeres en la Antigüedad Clásica*. Madrid: Akal, 1999, pp. 20-21. Segundo Platão (*O Banquete*, 180 d – 181 a), Aphrodite possui uma natureza dual: Aphrodite Urânia, nascida de Urano sem intervenção de mulher, que representa o amor intelectual, não físico. E Aphrodite Pandemos, que foi criada pela união de Zeus com a deusa do céu Dione e representava a 'patrona' das prostitutas, ou seja, o amor comum e vulgar.

<sup>7</sup> Anacreonte. *Odes*, XLI. Nesta *Ode* intitulada ΕΙΣ ΣΥΜΠΟΣΙΟΝ, Anacreonte reúne Eros, Aphrodite e *Báckos* (Dionisos) em um *sympósion* regido pela embriaguez e pela sedução.

<sup>8</sup> Aristófanes. *Plutos*, v. 149. É importante diferenciar a prostituta vulgar (*pórne*) da cortesã (*hetaira*) que era educada para atuar em salas de banquete, sobre esta questão, ver: Mossé, C. Splendeur et Misère de la Courtisane Grecque In: *La Grèce Ancienne*. Paris: Éditions du Seuil, 1986, p. 210.

<sup>9</sup> O *díolkos* era uma passagem terrestre, no Istmo, pela qual as embarcações podiam passar do Golfo Sarônico para o de Corinto. Os arqueólogos atestaram que o *díolkos* foi edificado durante a tirania de Periândros (cerca de 600 a. C.).

<sup>10</sup> Fernand Braudel em sua trajetória procurou compreender os fenômenos estruturais em uma sociedade: “Para o historiador, uma estrutura não é somente arquitetura, montagem, é permanência e freqüentemente mais que secular (o tempo é estrutura): essa grande personagem atravessa imensos espaços de tempo sem se alterar; se se deteriora nessa longa viagem, recompõe-se durante o caminho, restabelece sua saúde, e, por fim, seus traços só se alteram lentamente...” Braudel, F. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1992 (1969), p. 106. Uma estrutura social, de acordo com as palavras de Albert Soboul: “um conjunto orgânico de relações e de coerências, simultaneamente econômicas, sociais e psicológicas, ‘que o tempo mal enfraquece e transmite muito lentamente’, segundo a expressão de Fernand Braudel, e que é necessário estudar não somente de um ponto de vista estático, mas talvez mais ainda na sua dinâmica.” Soboul, A. Descrição e Medida em História Social. In: *A História Social: Problemas, Fontes e Métodos*. Colóquio da Escola Normal Superior de Saint-Cloud (15-16 de maio de 1965). Lisboa: Edições Cosmos, 1973 (1967), p. 32.

## Documentação

- ARISTOPHANE. *Ploutos*. Tome V. Trad. Hilaire van Daele. Paris: Les Belles Lettres, 1963.
- ARISTOTE. *Histoire des Animaux*. Tome III. Trad. Pierre Louis. Paris: Les Belles Lettres, 1969.
- HÉSIODE. *Théogonie - Les Travaux et les Jours - Le Bouclier*. Trad. Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1993.
- HOMÈRE. *Hymnes*. Trad. J. Humbert. Paris: Les Belles Lettres, 1976.
- PAUSANIAS. *Description of Greece*. Books I and II. Trad. W.H.S. Jones. Cambridge: Harvard University Press, 1992.
- PINDARE. *Isthmiques. Fragments*. Tome IV. Trad. Aimé Puech. Paris: Les Belles Lettres, 1961.
- STRABON. *Géographie*. Tome V (Livre VIII). Trad. Raoul Baladié. Paris: Les Belles Lettres, 1978.

## Bibliografia

- ANDERSON, P. *Passagens da Antigüidade ao Feudalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000 (1974).
- AUSTIN, M. e VIDAL-NAQUET, P. *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- DESCAT, R. L'Économie Antique et la Cité Grecque: un Modèle en Question. *Annales*, 5, 1995.
- DE STE CROIX, G.E.M. *The Class Struggle in the Ancient Greek World from de Archaic Age to the Arab Conquests*. London: Duckworth, 1981.
- DETIENNE, M. *Dionysos mis à Mort*. Paris: Gallimard, 1998.
- DORSINFANG-SMETS, A. Les Étrangers dans la Société Primitive. *Recueils de la Société Jean Bodin*, 9, pp. 59-73.
- FINLEY, M.I. *A Economia Antiga*. Porto: Afrontamento, 1986.
- LAMBIN, G. *Les Chansons de Banquet dans la Grèce Antique*. Lille: Université de Lille III, 1986.
- MELE, A. *Il Commercio Greco-Arcaico: Prexis ed Emporie*. Naples, 1979.

- MOREL, J.-P. Les Relations Économiques dans l'Occident Grec; in: *Modes de Contacts et Processus de Transformation dans les Sociétés Anciennes*. Collection de l'École Française de Rome 67. Pise-Rome: Scuola Normale Superiore-École Française de Rome, 1983.
- POLANYI, K. *Comercio y Mercado en los Imperios Antiguos*. Barcelona: Labor Universidad, 1976.
- POMEROY, S. *Diosas, Rameras, Esposas y Esclavas: Mujeres en la Antigüedad Clásica*. Madrid: Akal, 1999.
- SALLES, C. *Les Bas-Fonds de l'Antiquité*. Paris: Payot, 1995 (1982).
- SISSA, G e DETIENNE, M. *Os Deuses Gregos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- THEOPHILOPOULOU, M. Le Développement Urbain de Corinthe de L'Époque Géométrique à 146 av. J.-C. Paris, Université de Paris X - Nanterre, 1983.
- VAN GENNEP, A. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- VANOYEKE, V. À Athènes, la Prostitution revêt un Caractère Sacré. *Historia*, no. 601, janeiro de 1997, pp. 35-37.
- WEBER, M. *Economia e Sociedade*. Vol. 2. Brasília: Unb, 1999.
- WILL, E. *Korinthiaka: Recherches sur l'Histoire de la Civilisation de Corinthe des Origines aux Guerres Médiques*. Paris: E. de Boccard, 1955.